

## A economia mundial: Por ora, boas notícias, mas as tensões comerciais são uma ameaça

[Maurice Obstfeld](#)

17 de abril de 2018



**Cargueiro em Colombo, Sri Lanka: a recente escalada das tensões comerciais representa um risco crescente para a economia mundial (foto: STRINGER/REUTERS/Newscom).**

A economia mundial continua a mostrar um [dinamismo generalizado](#). À luz desse cenário positivo, a perspectiva de um conflito comercial igualmente generalizado constitui um quadro perturbador.

Três meses atrás, atualizamos consideravelmente nossa previsão sobre o crescimento mundial em 2018 e 2019, para 3,9% nos dois anos. Essa previsão está sendo confirmada pela manutenção do forte desempenho na área do euro, Japão, China e Estados Unidos, que cresceram acima das expectativas em 2017. Também projetamos melhorias no curto prazo para várias outras economias em desenvolvimento e de mercados emergentes, inclusive certa recuperação dos exportadores de commodities. E a aceleração do investimento e, principalmente, do comércio continua a impulsionar a retomada da economia mundial.

Em relação às maiores economias, nossas projeções de crescimento para 2018, em comparação com as projeções anteriores de outubro de 2017, são de 2,4% para a área do euro (alta de 0,5

ponto percentual), 1,2% para o Japão (alta de 0,5 ponto percentual), 6,6% para a China (alta de 0,1 ponto percentual) e 2,9% para os Estados Unidos (alta de 0,6 ponto percentual).

O crescimento dos EUA será impulsionado, em parte, por um estímulo fiscal em grande parte temporário, o que explica mais de um terço da nossa correção do crescimento mundial em 2018 frente a outubro.

Apesar das boas notícias no curto prazo, as perspectivas no longo prazo são mais preocupantes. As economias avançadas — que enfrentam o envelhecimento da população, [a queda das taxas de participação na força de trabalho](#) e o [baixo crescimento da produtividade](#) — dificilmente voltarão às taxas de crescimento per capita registradas antes da crise financeira mundial. Já as economias emergentes e em desenvolvimento apresentam um quadro diverso. Entre as que não são exportadoras de commodities, algumas podem esperar taxas de crescimento de longo prazo comparáveis às taxas anteriores à crise. No entanto, muitos exportadores de commodities não terão tanta sorte, apesar de algumas melhorias nas perspectivas para os preços desses produtos. Esses países precisarão diversificar suas economias para estimular o crescimento e aumentar a resiliência.

### **A escalada dos riscos**

Se olharmos para além dos próximos trimestres, há riscos expressivos para as perspectivas. Conforme documentado na nova edição do [Fiscal Monitor](#), os níveis mundiais de endividamento — tanto privado como público — estão muito altos, o que constitui um risco de problemas de pagamento à medida que as políticas monetárias se normalizam em um ambiente em que muitas economias enfrentam taxas de crescimento mais baixas no médio prazo. Como mostra a nova edição do [Global Financial Stability Report](#), as condições financeiras mundiais permanecem brandas de modo geral, apesar da iminente elevação das taxas básicas de juros, o que permite uma maior acumulação de vulnerabilidades no mercado de ativos. Os riscos geopolíticos não devem ser desprezados e, claro, a recente escalada das tensões comerciais representa um risco crescente.

As percepções desses riscos já poderiam estar causando impacto. Por exemplo, embora os índices mundiais dos gerentes de compras permaneçam em território expansionista, eles recentemente abrandaram — tanto nas economias avançadas como nas de mercados emergentes — devido, em parte, ao enfraquecimento dos pedidos de exportação. As condições financeiras continuam favoráveis, como acabamos de observar, mas se tornaram um pouco mais restritas desde o início do ano.

No FMI, há algum tempo dizemos que a atual retomada cíclica oferece às autoridades uma [oportunidade ideal](#) para tornar o crescimento de longo prazo mais forte, mais resiliente e mais inclusivo. O atual período de bonança não vai durar muito tempo, mas políticas sólidas podem estender essa retomada e, ao mesmo tempo, reduzir os riscos de uma reversão turbulenta. Os países precisam reconstituir suas margens de manobra fiscais, promulgar reformas estruturais e conduzir a política monetária com cautela em um ambiente que já é complexo e desafiador.

## Tensões comerciais

No entanto, a perspectiva de restrições e retaliações no campo comercial ameaça solapar a confiança e afetar o crescimento mundial prematuramente. Embora alguns governos estejam empreendendo reformas econômicas substanciais, disputas comerciais poderiam desviar outros governos das medidas construtivas que precisam tomar agora para melhorar e garantir as perspectivas de crescimento.

O fato de as principais economias estarem flertando com uma guerra comercial em um momento de expansão econômica generalizada pode parecer um paradoxo, sobretudo quando a expansão depende tanto de investimentos e do comércio. Contudo, particularmente nas economias avançadas, o otimismo público sobre os benefícios da integração econômica vem sendo corroído ao longo do tempo por tendências de longa data de polarização dos empregos e salários, combinadas com um crescimento dos salários médios persistentemente abaixo da média. Para muitas famílias, o crescimento gerou benefícios pequenos ou nulos.

Essas tendências se devem mais às [mudanças tecnológicas](#) do que ao comércio e, mesmo em países onde a reação contrária ao comércio não é acentuada, mais e mais pessoas duvidam da capacidade das autoridades de gerar crescimento robusto e inclusivo. A desilusão dos eleitores eleva a ameaça de desdobramentos políticos que poderiam desestabilizar uma série de políticas econômicas no futuro, indo além da política comercial.

Os governos precisam enfrentar os desafios de fortalecer o crescimento, distribuir seus benefícios de forma mais ampla, estender as oportunidades econômicas por meio de investimentos nas pessoas e aumentar a sensação de segurança dos trabalhadores diante da iminência de mudanças tecnológicas que poderiam transformar radicalmente a natureza do trabalho. As disputas comerciais desviam a atenção dessa agenda vital em vez de promovê-la.

A recente intensificação das tensões comerciais começou no início de março, quando os Estados Unidos anunciaram sua intenção de impor tarifas ao aço e ao alumínio por motivos de segurança nacional. O anúncio levou a várias negociações bilaterais destinadas a reduzir os déficits comerciais dos EUA com parceiros comerciais individuais. No entanto, essas iniciativas pouco farão para alterar o déficit em conta corrente externo multilateral ou global dos EUA, que decorre, sobretudo, de um nível de gastos agregados dos EUA que continua a exceder a renda total. As recentes medidas fiscais nos EUA na verdade aumentarão o déficit em conta corrente americano. Em comparação com a nossa projeção de outubro de 2017, que precedeu as recentes mudanças nos impostos e gastos dos EUA, prevemos agora que o déficit em conta corrente americano em 2019 seja cerca de US\$ 150 bilhões maior.

Os desequilíbrios da conta corrente podem ter uma função essencial na economia, mas, quando se tornam excessivos, acarretam riscos, inclusive o de gerar disputas comerciais. Na atual conjuntura mundial, o ônus de reduzir o excesso de desequilíbrios mundiais deve ser dividido por meio de ações multilaterais — tanto os países com déficit em excesso como aqueles com superávit em excesso precisam adotar políticas macroeconômicas que tornem seus níveis de gastos mais alinhados com a renda.

Contudo, mesmo na ausência de desequilíbrios mundiais excessivos, enfrentar práticas comerciais injustas, inclusive aquelas envolvendo a propriedade intelectual, exige uma resolução de disputas justa e confiável dentro de um arcabouço multilateral forte e baseado em regras. Há espaço para fortalecer o sistema atual em vez de correr o risco de uma fragmentação bilateral do comércio internacional. Acordos plurilaterais, desde que compatíveis com as regras multilaterais, também podem ser úteis como ponto de partida para uma maior abertura comercial. Nesse sentido, o Acordo Abrangente e Progressivo de Parceria Transpácífica, firmado por 11 países, e a Área de Livre Comércio Continental Africana, englobando 44 países, são promissores.

Cada governo nacional pode, por si só, fazer muito para promover um crescimento mais forte, mais resiliente e mais inclusivo. Contudo, a cooperação multilateral continua a ser essencial para enfrentar uma série de desafios além da governança do comércio mundial, como a mudança climática, as doenças infecciosas, a segurança cibernética, a tributação das pessoas jurídicas e o controle da corrupção, entre outros. A interdependência global continuará a crescer e, a menos que os países a encarem com um espírito de colaboração, e não de conflito, a economia mundial não terá condições de prosperar.

## Projeções mais recentes do *World Economic Outlook*

O crescimento mundial continua a se fortalecer.

(variação percentual)

	2017	Projeções	
		2018	2019
<b>Produto mundial</b>	<b>3,8</b>	<b>3,9</b>	<b>3,9</b>
<b>Economias avançadas</b>	<b>2,3</b>	<b>2,5</b>	<b>2,2</b>
Estados Unidos	2,3	2,9	2,7
Área do euro	2,3	2,4	2,0
Alemanha	2,5	2,5	2,0
França	1,8	2,1	2,0
Itália	1,5	1,5	1,1
Espanha	3,1	2,8	2,2
Japão	1,7	1,2	0,9
Reino Unido	1,8	1,6	1,5
Canadá	3,0	2,1	2,0
Outras economias avançadas	2,7	2,7	2,6
<b>Economias em desenvolvimento e de mercados emergentes</b>	<b>4,8</b>	<b>4,9</b>	<b>5,1</b>
Comunidade de Estados Independentes	2,1	2,2	2,1
Rússia	1,5	1,7	1,5
Excl. Rússia	3,6	3,5	3,6
Ásia emergente e em desenvolvimento	6,5	6,5	6,6
China	6,9	6,6	6,4
Índia	6,7	7,4	7,8
ASEAN-5	5,3	5,3	5,4
Europa emergente e em desenvolvimento	5,8	4,3	3,7
América Latina e Caribe	1,3	2,0	2,8
Brasil	1,0	2,3	2,5
México	2,0	2,3	3,0
Oriente Médio, Norte da África, Afeganistão e Paquistão	2,6	3,4	3,7
Arábia Saudita	-0,7	1,7	1,9
África Subsaariana	2,8	3,4	3,7
Nigéria	0,8	2,1	1,9
África do Sul	1,3	1,5	1,7
Países em desenvolvimento de baixa renda	4,7	5,0	5,3

Fonte: FMI, *World Economic Outlook*, abril de 2018.



INTERNATIONAL  
MONETARY FUND

\*\*\*\*\*

**Maurice Obstfeld** é Conselheiro Econômico e Diretor do Departamento de Estudos do FMI, em licença da Universidade da Califórnia, Berkeley, onde é professor de economia desde 1991 (“Class of 1958”) e antigo diretor da Faculdade de Economia (1998-2001). Antes de Berkeley, foi professor titular na Universidade de Columbia (1979-1986) e na Universidade da Pensilvânia (1986-1989) e professor-convidado em Harvard (1989-90). Doutorou-se em economia pelo MIT em 1979, depois de cursar a Universidade da Pensilvânia (1973) e obter seu mestrado pelo King’s College, Universidade de Cambridge (1975).

